

Violência sexual usada como arma de guerra na RCA

Notícias, Internacional, 06.10.2017, Pág 28, ed. 30.171

VÁRIOS grupos armados na República Centro-Africana (RCA) estão, durante os quase cinco anos de conflito, a usar a violência e escravidão sexual como táticas de guerra, indicou ontem um relatório da Human Rights Watch (HRW).

Segundo o documento, os comandantes desses grupos têm "tolerado" a atuação por parte dos seus soldados, havendo casos em que são os próprios líderes que o ordenam.

Mais grave, lê-se no documento, há relatos de que são os próprios comandantes a cometer tais actos.

O relatório, de 176 páginas, intitulado "They Said We Are Their Slaves - Sexual Violence by" ("Eles disseram que somos os seus escravos" - Violência sexual por grupos armados na República Centro-Africana"), documenta 305 casos de violações e de escravidão sexual perpetrados contra 296 mulheres e adolescentes por membros de grupos



armados entre o início de 2013 e meados deste ano.

O grupo muçulmano Seleka e as milícias maioritariamente cristãs e animistas conhecidas

por "anti-balaka", dois dos principais beligerantes no conflito, têm usado a violência sexual como "vingança" pelo alegado apoio da população a uns e ou-

tros.

"Os grupos armados têm utilizado as violações numa brutal e calculada via para punir e aterrorizar as mulheres e as

adolescentes. Todos os dias, as sobreviventes têm de viver com o dia seguinte da violação, sabendo que os violadores continuam a andar livremente pelas ruas, talvez por deterem cargos importantes de poder", escreve Hillary Margolis, investigadora do HRW.

A organização de defesa e promoção dos Direitos Humanos entrevistou 296 mulheres, 52 delas jovens raparigas, que foram vítimas de abusos sexuais, bem como funcionários governamentais e das Nações Unidas, Polícia e pessoal médico, entre outros.

Devido ao estigma, o número total de incidentes ligados à violência sexual e cometidos por elementos de grupos armados é, "sem dúvida, muito maior", escreve-se no relatório.

Segundo o HRW, grande parte dos abusos documentados, além de crime previsto na lei do país, constituem também "crimes de guerra" e, nalguns casos, podem até ser considerados "crimes contra a humanidade", mas, até hoje, não há qualquer registo de

um único violador ter sido detido e julgado.

Os casos documentados de violência sexual cometida pelos elementos dos grupos armados contidos no relatório incluem tortura, alguns deles agravados com outras formas de violência física e psicológica.

Algumas das mulheres, segundo o relatório, foram violadas por 10 ou mais homens em apenas um incidente.

Há relatos também de mulheres e raparigas chicoteadas durante os ataques por elementos dos grupos armados, que as amarravam por longos períodos, queimavam-nas com madeira a arder ou com pontas de cigarros acesos e ainda as ameaçavam de morte.

Segundo o relatório, 13 das mulheres entrevistadas, três delas eram adolescentes na altura dos ataques, ficaram grávidas.

Os atacantes cometiam frequentemente as violações das mulheres e raparigas à frente de filhos e de familiares das vítimas.